

# HENRIQUE ANTUNES FERREIRA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

ABRIL 2008

(na ocasião do lançamento do livro “Morte na Picada”)

O bicho do jornalismo mordeu-o há meio século. Entrevistas, reportagens, crónica, chefia. Parte considerável desse trabalho foi no *Diário de Notícias*. Ele é assim: «Às boas até podem tirar-me as cuecas, às más é conveniente não me terem como inimigo.» Um percurso sem fim em Portugal, em Angola, por jornais, rádio, televisão. Galgou fronteiras, foi colaborador e correspondente em meios de informação de diversos países. Agora, a ficção: *Morte na Picada*, livro a que não falta o traquejo do jornalista.

É dos dezasseis anos no DN, onde entrou a seguir ao 25 de Abril e desempenhou o cargo de chefe de Redação, de que fala com um brilho nos olhos: «No DN aprendi a fazer jornais diários mas para chegar a algum sítio andei por mim próprio com a colaboração de muito boa gente e amigos. Não esqueço um camarada que me marcou pela forma como nos relacionámos, Fernando Pires, grande fazedor de jornais, jornalista de uma devoção total ao DN, um grande homem.»

Jovem, Henrique Antunes Ferreira inclinou-se para Direito, largou-o: «Pensava que ia ser defensor dos fracos e oprimidos, mas...». E a sede do jornalismo não bebe dessa água? «Pois é, mas...». A soma não engana: meio século nas andanças da comunicação social. Com pós-graduações e mestrados pelo meio. Esticou forças e lecionou em universidades. Se nas redações procurou aprender mais e mais, no ensino colheu das maiores lições. Numa aula em que se teorizava sobre civismo, um aluno: «O civismo não se ensina nem se aprende, vive-se.»

Dos anos sessenta (quando o nome de Antunes Ferreira começou a afirmar-se) até dois mil e tal, que memória e que futuro? «Jornais, enquanto os fiz tinham alguma coisa a ver comigo e eu com eles. Hoje talvez não.» Que significa isto, antigamente tudo bom, no presente tudo mau? «Há bom e mau em todos os tempos. Este país começou com um filho (Afonso Henriques) a bater na mãe, mas também se diz que existiu o milagre das rosas... Julgo que, atualmente, a generalidade da informação liga muito pouco ao aprofundamento, por vezes há alguma falta de honestidade.»

E não sabe que é uma pessoa polémica? Sabe: «Os gordos são por temperamento bonacheirões. Às boas até podem tirar-me as cuecas, às más é conveniente não me terem como inimigo.»

Do seu currículo constam, nomeadamente, assessorias no Ministério

das Finanças e no Tribunal de Contas. «Tentei fazer as coisas tão bem quanto me era possível e ajudar, no domínio da comunicação, um homem chamado Sousa Franco.» A sua alma, de facto, está na escrita. De inúmeras, duas reportagens permanecem-lhe nos ossos: oito dias na Roménia, terramoto de 1977 que reportou para o DN. Outra em Malanje: «Sobre um povo que garimpava alegremente diamantes. Tive o gozo de torpedear a PIDE com esse trabalho.» Polícia política que o perseguia. Ao ser proibido de escrever, agarrou-se ao desenho humorístico. Escrita retomada a cada passo. Entrevistas a figuras nacionais e internacionais. «A mais difícil: Indira Gandhi.» Gratificante, a que fez a Mário Soares. «A de que menos gostei: Nicolae Ceausescu.» Se pudesse, ainda gostaria de entrevistar Mandela. Porém, na cara deste jornalista está a crónica. «Porque a vida é a súpula de todas as crónicas, e a vida é o essencial.» Famosas, por exemplo, na *Bola*, as suas crónicas desportivas. Na arte do jornalismo desportivo sublinha um nome: "Mestre António Castro."

Antunes Ferreira, sportinguista, não sócio. Militante do PS, hábil como analista: «Não se tem concretizado tudo com que sonhei. Mas Portugal encontra-se muito melhor do que quando nasci. Há liberdade e democracia.» Viajante compulsivo (mais de uma centena de países, Índia sempre), mantém um ideal: «Acredito nos homens, jovens e velhos. Mal estará o mundo se não acreditar no ser humano.»

Quem lhe conhecer a casa, espanta-se com a coleção de presépios. «Puro colecionismo.» Da infância nos anos quarenta, brinquedo inesquecível: «Um cavalo de cartão, abri-o ao meio e transformei-o num barco.» E uma esferográfica que o pai lhe trouxe da Alemanha: «Vermelha, marca *Repórter*». Predestinado.

Bom garfo. Cem quilos e... e... Promete não continuar o dia inteiro ao computador. O melhor que a mulher Raquel tem a fazer é não deixá-

lo meter bico nos tachos, coisa que lhe dá confessado prazer. Cozinhar moelas à angolana só ele. Lavar a loiça, está quieto!

Avô galinha. Uma família feliz: a mulher (casei-me com uma indiana antes de conhecer a Índia, foi ela que me apanhou em Lisboa), três filhos, noras, cinco netos. E uma flor? «Malmequer, até deixa, em nome do amor, que lhe arranquem as pétalas.»

Reforma, fim da picada? «Ainda é tempo de viver entre o sonho e o possível.»

© MARIA AUGUSTA SILVA

### **PRIMEIRA FICÇÃO: "MORTE NA PICADA"**

Três dezenas de crónicas integram *Morte na Picada*, de Antunes Ferreira; fotografias de Fernando Farinha, prefácio de Joaquim Vieira. Uma ficção que nasce de vivências e de um sempre horrível cenário de guerra. O jornalista Joaquim Furtado apresentou a obra e disse acreditar que de tudo quanto tem sido escrito sobre a guerra colonial estaremos perante «o livro dos livros». Do vernáculo que atravessa o registo coloquial assinalou o seu natural enquadramento. Mas *Morte na Picada* tem outras dimensões: as circunstâncias da história, a sociológica, a política, a dinâmica da narrativa. Para o autor, este livro é, também, «a camaradagem; o melhor que trouxe de Angola, onde vivi oito anos, foram os amigos; a difícil arte da amizade talvez seja tipicamente angolana».

MAS